

Apresentação

Denise Cogo

No terceiro e último número de 2009, a revista *Fronteiras* oferece aos seus leitores uma contribuição acadêmica internacional de autoria da pesquisadora Caroline Haythornthwaite, da Graduate School of Library and Information Science da University of Illinois at Urbana-Champaign. No artigo *Agrupamentos e comunidades: modelos de produção colaborativa leve e pesada*, Haythornthwaite elabora uma reflexão que se orienta pela evidência de que duas formas de organização para a colaboração dominam o debate sobre a livre participação e produção na internet: um modelo de agrupamento, baseado na micro-participação de muitos indivíduos não-relacionados, e um modelo de comunidade virtual, baseado em conexões fortes entre um grupo dedicado de membros inter-relacionados. Com base nesse evidência, tece uma argumentação de que dimensões como interdependência de tarefas, controle e autoridade, bem como um foco comum ao grupo, subjazem a comportamentos associados à participação nesses sistemas abertos, dando origem a dois tipos de comportamentos contributivos nomeados como “leves” e “pesados”. A tradução do artigo é da professora Suely Fragoso e do mestrando Paulo Finger, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos.

Em um segundo artigo, *Teorias da Notícia: impasses para a Teoria do Jornalismo*, Gislene Silva e Felipe Pontes apresentam uma perspectiva crítica em torno dos impasses dos dois tipos de abordagem teórica que vêm pautando as teorias do jornalismo, com ênfase nas limitações naquelas pesquisas que enclausuram uma possível Teoria do Jornalismo nas Teorias da Notícia, circunscritas às técnicas, processos e produtos da rotina profissional.

No texto *A permeabilidade da fotografia ao imaginário*, Ana Taís Barros toma como ponto de partida o alerta de Flusser sobre os limites impostos à criatividade humana pela fotografia como técnica para investigar a permeabilidade da fotografia à atitude imaginativa mais fértil, recorrendo à Teoria Geral do Imaginário, de Gilbert Durand, a fim de examinar o gesto e o produto fotográfico no contexto da imaginação simbólica.

Maria Ogécia Drigo, no texto intitulado *A Publicidade e imagem: a epifania na confluência da iconicidade e das tecnologias*, posiciona-se na confluência entre publicidade e representações visuais para examinar em que medida é possível propiciar momentos de epifania atrelados às imagens veiculadas nas peças publicitárias impressas que, também via tecnologias, potencializam os seus aspectos qualitativos e tendem à iconicidade.

O cinema é tematizado no artigo *Do imaginário rural ao urbano: a (re)invenção simbólica do cinema gaúcho* de autoria de Humberto Keske, em que o autor analisa o panorama da década de 1980 como marco da cinematografia gaúcha por meio da transposição da temática rural para a urbana e a construção de um percurso contemporâneo constituído por produções como *Deu pra ti anos 70*, *Coisa na roda*, *Inverno*, *Verdes anos*, *Me beija* e *Aqueles dois*. Ao

evidenciar este panorama, o autor aborda algumas das transformações sociais, culturais e políticas vigentes no período, ancorando-se no processo de construção do imaginário coletivo proposto por Cornelius Castoriadis, Jacques Aumont e Christian Metz.

Em um último artigo, *Coproduções na Rede Globo: protagonismo da periferia, sob a ótica da elite*, Diego Gouveia Moreira reflete sobre as estratégias de poder implicadas na diversificação das representações sociais em coproduções da Rede Globo com protagonismo de moradores da periferia, dentre as quais se situam *Cidade dos Homens*, *Central da Periferia* e *Antônia*.